

AS REDES SOCIAIS NO ENSINO DE GEOGRAFIA: CONCEPÇÕES, SÍMBOLOS E SIGNIFICADOS

Manuela Evangelista da Silva
manuelaevangelista9@gmail.com¹

Jussara Fraga Portugal
jfragaportugal@yahoo.com.br²

Resumo

Estes escritos são um recorte da pesquisa realizada como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulada “A face das redes sociais no ensino de Geografia: abordagem dos conceitos globalização e lugar”, a qual contemplou como objetivo geral compreender como as redes sociais, Instagram e WhatsApp, os quais também são aplicativos de celulares, enquanto dispositivos didático-pedagógicos podem potencializar o processo de ensino-aprendizagem dos conceitos globalização e lugar no ensino de Geografia na escola básica. A metodologia utilizada está ancorada numa revisão bibliográfica, a partir de uma abordagem qualitativa, delineada pela pesquisa-ação, cujo transcurso foi construído a partir do @telier (geo)tecnológico, enquanto espaço de ação-reflexão-ação através da utilização dos símbolos e significados presentes nos emojis do aplicativo WhatsApp e da rede social denominada Instagram. O locus desta pesquisa foi o Colégio Estadual de Bandiaçu (CEB), situado no distrito de Bandiaçu, município de Conceição do Coité, Território de Identidade do Sisal, estado da Bahia. Os cooperadores da pesquisa foram 21 (vinte e um) alunos da turma do 8º ano B, do turno matutino, na qual o @telier (geo)tecnológico foi desenvolvido, enquanto proposição norteadora da pesquisa a qual é delineada neste artigo. Para isto, a proposição do @telier (geo)tecnológico buscou contemplar práticas pedagógicas que evidenciassem a apropriação pedagógica das redes sociais no ensino de Geografia, a fim de potencializar a construção de uma aprendizagem mais significativa e contextualizada com os conhecimentos e saberes geográficos construídos nas trajetórias de escolarização e experienciados nos cotidianos da vida.

Palavras-chave: Tecnologias da Informação e Comunicação. Ensino de Geografia. Redes sociais.

Play Store: dowloand em rede

¹Licenciada em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB/Campus XI). Pós-graduanda em Metodologia do Ensino de Geografia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI). Membro do Grupo de Pesquisa Geografia, Diversas Linguagens e Narrativas de Professores – Geo(bio)grafar.

²Professora Adjunta da Universidade do Estado da Bahia – UNEB / Campus Serrinha. Área: Ensino de Geografia, coordenadora do Grupo de Pesquisa Geo(BIO)grafar: Geografia, diversas linguagens e narrativas de professores.



“Uma técnica não é boa, nem má (isto depende dos contextos, dos usos e dos pontos de vista), tampouco é neutra (já que é condicionante ou restritiva, já que de um lado abre e de outro fecha o espectro de possibilidades).”

(LÉVY, 1999, p. 26)

O fim do segundo milênio é marcado por inúmeras transformações, cuja gênese está em uma revolução tecnológica que reconfigura as bases da sociedade, através de uma interdependência dos mercados, aliada a uma alteração do contexto geopolítico mundial, como o fim da Guerra Fria e do mundo bipolar. O capitalismo se descentraliza através de uma mundialização do capital financeiro e da organização interna e externa em rede. (CASTELLS, 1999)

Este contexto de transformações em escala global requer uma análise a partir das concepções sobre técnica e tecnologia, as quais nortearão o desenvolvimento destes escritos. As técnicas são produzidas conforme os aspectos culturais de cada sociedade, referindo-se a artefatos criados e reinterpretados em seus usos no decorrer dos séculos, por isso, condiciona e não determina as relações estabelecidas na sociedade. Em outras palavras, significa dizer que a técnica abre possibilidades para que alguns aspectos se desenvolvam por meio dela, como aponta Lévy (1999) na epígrafe utilizada para iniciar estes escritos.

Além disso, “[...] a tecnologia não determina a sociedade” (CASTELLS, 1999, p.43), mas integra os processos que dinamizam as relações socioeconômicas, políticas e culturais. Na verdade, são os usos e a possibilidade de apropriação dos artefatos tecnológicos mais estratégicos em cada parcela do tempo histórico que condicionam a transformação das sociedades.

As Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) surgem na década de 1970 quando o processo de globalização passa a se expandir com maior rapidez, influenciando a dinâmica socioeconômica, política, cultural e espacial em escala global, sendo “resultado de convergências tecnológicas que transformam as antigas através de revisões, invenções ou junções” (LEMOS, 2004, p.79), que (re)configuram o espaço geográfico.

Não é determinismo pensar sobre o modo como as técnicas e as tecnologias têm influenciado diversos contextos e, como estas, são entendidas na escola. É notório que “[...] a

escola não é uma célula isolada e deve estar integrada às ações da própria sociedade”(AQUINO JÚNIOR, 2007, p. 79) não limitando a construção de conhecimento, mas compreendendo que, as TIC potencializam as aprendizagens através das possibilidades de uso na sala de aula e das intenções pedagógicas.

Estes escritos apresentam um recorte da pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulada “A face das redes sociais no ensino de Geografia: abordagem dos conceitos globalização e lugar”, a qual contemplou como objetivo geral compreender como as redes sociais, *Instagram* e o aplicativo *WhatsApp*, enquanto dispositivos didático-pedagógicos podem potencializar o processo de ensino-aprendizagem dos conceitos globalização e lugar no ensino de Geografia na escola básica.

Conforme mencionado, os conceitos que nortearam a pesquisa foram globalização e lugar. O primeiro porque costuma ser tratado enquanto uma realidade abstrata que, pouco influencia as percepções e concepções no contexto escolar, mesmo sendo pensada em suas relações desiguais. Em contraposição, em um contexto dito como homogêneo, faz-se necessário pensar o lugar em tempos de globalização e, sua evidente heterogeneidade e resistência.

O *locus* desta pesquisa foi o Colégio Estadual de Bandiaçu (CEB), localizado na Rua Arlindo José de Lima, s/n, no distrito de Bandiaçu, comunidade rural do município de Conceição do Coité, localizado no Território de Identidade do Sisal³, no semiárido da Bahia. O percurso metodológico utilizado está ancorado na pesquisa-ação, enquanto método qualitativo e, como procedimentos, foram realizadas observações *in loco*, entrevistas semiestruturadas, o

³ Os Territórios de Identidade são uma divisão regional adotada em 2007 pelo estado da Bahia, no intuito de contemplar critérios físicos, econômicos, sociais, culturais e identitários que estivessem atrelados a diversidade de cada região do estado. O Território de Identidade do Sisal é composto pelos seguintes municípios: Araci, Biringanga, Barrocas, Candeal, Conceição do Coité, Cansanção, Ichu, Itiúba, Lamarão, Monte Santo, Nordestina, Quinjingue, Queimadas, Retirolândia, Santa Luz, São Domingos, Serrinha (a cidade polo), Teofilândia, Tucano e Valente e compreende uma área de 20.454 Km² (vinte mil, quatrocentos e cinquenta e quatro quilômetros quadrados), o equivalente a 3,6% (três vírgula seis por cento) do território baiano. Antes de ser denominado como Território de Identidade do Sisal, este espaço geográfico era conhecido como Região Sisaleira e compreendia 42 (quarenta e dois) municípios localizados no semiárido da mesorregião do Nordeste Baiano, distante da capital baiana aproximadamente 180 km (cento e oitenta quilômetros), cujas características físicas mais marcantes são o clima semiárido, a irregularidade na distribuição de chuvas e o predomínio da vegetação de caatinga. Recebe este nome porque o principal elemento identitário e articulador desse recorte espacial ancora-se na cadeia produtiva do sisal. Além do beneficiamento da fibra do sisal, a sua economia baseia-se na pecuária de pequeno porte e na agricultura de subsistência (principal atividade econômica de maior importância social e ocupa a maioria da força de trabalho, formada por agricultores familiares).



@telier (geo)tecnológico⁴ e a aplicação de questionários. Para isto, os cooperadores⁵ que participaram desta pesquisa foram estudantes da turma do 8º ano⁶ do Ensino Fundamental e a professora de Geografia da escola supracitada.

Portanto, ressaltamos a importância das TIC por possibilitarem uma aproximação da Geografia vivenciada no cotidiano dos alunos com as abordagens realizadas na sala de aula. É importante ressaltar ainda, o cenário educacional contemporâneo que, assim como a sociedade, tem passado por distintas mudanças de caráter estrutural, conceitual e tecnológico e, para que a escola não esteja alheia a estas transformações e, o modo como estas modificam as relações, postula-se a necessidade de o professor se apropriar destes artefatos tecnológicos, enviando-os por um caráter pedagógico.

@telier (geo)tecnológico: (form)ação no ensino de Geografia

O transcurso metodológico esteve ancorado na pesquisa-ação, tendo como pressuposto a possibilidade de realizar uma pesquisa que auxiliasse na construção de um processo dialético de aprendizagem entre pesquisadora e cooperadores, primando por uma prática que não limitasse seus efeitos a apenas um indivíduo.

Trata-se de um tipo de pesquisa qualitativa, a qual se difere das demais metodologias por se tratar de uma pesquisa na qual o pesquisador está intimamente ligado com seu *locus* de investigação; os dados coletados são, em sua maioria, descritivos, por abordarem as características de uma realidade específica. Há ainda uma preocupação em compreender como a problemática da pesquisa se manifesta, enfatizando um caráter processual e; tem-se uma atenção especial para com a percepção que os cooperadores possuem sobre o tema em questão. (LÜCKE; ANDRÉ, 1986)

⁴ O @telier (geo)tecnológico foi inspirado em uma das ações realizadas no âmbito do subprojeto “*Formação Docente e Geografia Escolar: das práticas e saberes espaciais à construção do conhecimento geográfico*”, do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID), o *Atelier Geográfico Temático*. No transcurso metodológico desta pesquisa buscou-se desenvolver o ciclo da pesquisa-ação no conjunto do @telier (geo)tecnológico que se constituiu enquanto um espaço de (form)ação.

⁵ O termo cooperadores é utilizado nesta pesquisa, por se tratar de sujeitos dispostos a participarem do trabalho desenvolvido, cooperando com as oficinas enquanto agentes participativos do processo.

⁶ É importante ressaltar que, para contemplar os objetivos construídos para esta pesquisa através dos conceitos abordados – globalização e lugar – fez-se necessário um período de observação nas turmas dos 6º anos A e B do Ensino Fundamental, no turno vespertino, na mesma unidade escolar a qual a pesquisa foi realizada.

A pesquisa-ação contrapõe às práticas do método positivista, o qual postula a neutralidade da pesquisa e, conseqüentemente, do pesquisador. Portanto, “a pesquisa-ação surgiu da necessidade de superar a lacuna entre teoria e prática” (ENGEL, 2000, p. 182). Trata-se, pois, de uma proposta metodológica qualitativa, de cunho empírico que visa associar a pesquisa a uma ação desenvolvida, a fim de amenizar os efeitos do problema detectado; tendo enquanto sujeitos cooperadores àqueles que estão inseridos no *locus* da problemática (KOERICH *et al*, 2009).

A turma cujo percurso de (form)ação foi desenvolvido foi o 8º ano do Ensino Fundamental, no turno matutino, composta por 23 (vinte e três) alunos, sendo que 2 (dois) possuem necessidades especiais, um deles com baixa visão e, o outro, segundo relatório médico, apresenta deficiência intelectual. Este contexto influenciou para que as atividades do @telier propostas inicialmente fossem reestruturadas, a fim de possibilitar a inclusão destes sujeitos nas aulas e nas práticas realizadas.

A pesquisa-ação possui um ciclo com quatro etapas (Imagem 1), sendo a primeira delas o reconhecimento, cuja fase possibilita uma análise dos agentes cooperadores da pesquisa e seus contextos de vida, tendo sido realizada a partir da observação *in loco*, a qual contemplou três turmas do Ensino Fundamental, a saber: 6º ano A e 6º ano B, no turno vespertino e a turma do 8º ano B no turno matutino. Em seguida, foram realizadas as entrevistas semiestruturadas, as quais permitiram a construção de um perfil biográfico dos alunos da referida turma.

A etapa subsequente foi o planejamento, estando intimamente ligada à fase anterior, necessitou de reestruturação, a fim de contemplar as especificidades dos sujeitos. A intervenção se configura a partir da execução das práticas que compõem o @telier (geo)tecnológico, as quais permitiram os resultados da pesquisa, tendo sido compreendido enquanto a terceira ação desta proposta investigativa permitindo um *login* das redes sociais no ensino de Geografia, sendo este um neologismo utilizado para reiterar a relação da pesquisa com o contexto tecnológico vivenciado pelos alunos.

Esta fase foi subdividida em três etapas, a saber: Acess@r tecnológico: as redes sociais no ensino de Geografia cuja intenção foi explanar para os alunos os objetivos da pesquisa e o modo como esta seria desenvolvida. Posteriormente a etapa intitulada A ação da/na pesquisa a



qual coube o uso das redes sociais, *Instagram* e do aplicativo *WhatsApp*, enquanto artefatos didático-pedagógicos para apreender os conceitos de globalização e lugar. Nesta fase foi realizada uma aula expositiva dialogada, suscitando questionamentos que permitissem problematizar o avanço das técnicas e, como estas, influenciam na transformação do espaço geográfico, nas culturas e nas atividades cotidianas realizadas pelas pessoas.

Além disso, foram abordadas as concepções sobre as categorias globalização e lugar, contextualizando com os *emojis* utilizados nas redes sociais, reiterando os símbolos e significados os quais dispõem. As categorias supracitadas foram também delineadas a partir de atividades práticas que intencionaram potencializar os usos e possibilidades destes artefatos para o ensino de Geografia.

A última etapa denominada *Nas redes da formação: a prática da/na ação* foram solicitadas narrativas de formação, nas quais os alunos descreveram suas experiências advindas com a aplicação do @telier (geo)tecnológico no contexto da sala de aula, enfatizando se as atividades desenvolvidas no transcurso metodológico permitiram novas aprendizagens e; no caso dos alunos com alguma necessidade especial, foi realizada uma entrevista narrativa.

Por fim, a avaliação que perpassa por todas as etapas anteriores e permite um retorno social aos sujeitos e ao espaço no qual a ação foi realizada (TRIPP, 2005). Além do mais, o contato permanente com a escola *locus* da pesquisa e, o compartilhamento das ações/práticas realizadas permitiram a efetivação do ciclo investigativo da pesquisa-ação, através da avaliação das práticas realizadas.

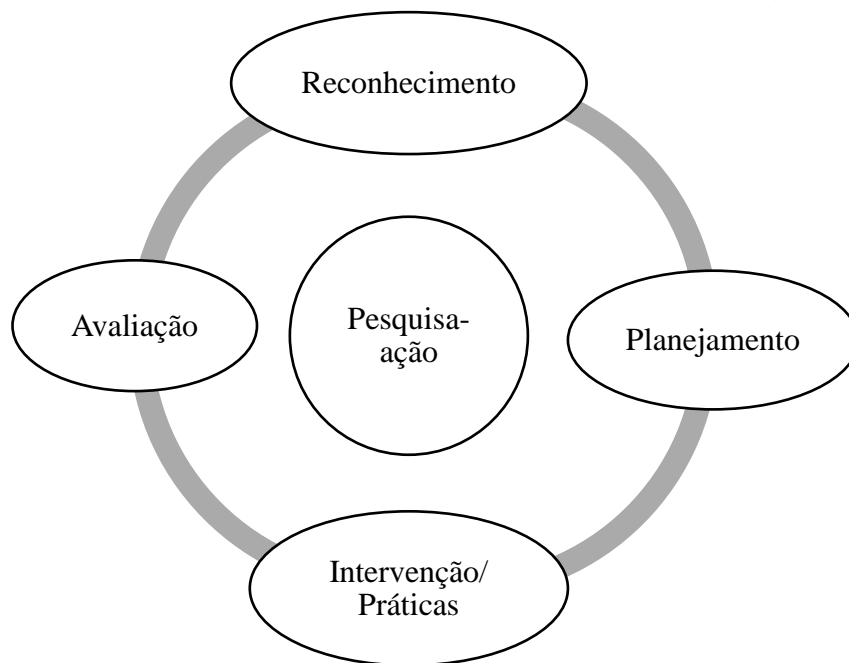


Imagem 3: Ciclo da pesquisa ação.

Fonte: TRIPP, 2005.

Elaboração: SILVA, Manuela Evangelista da, 2018.

É importante ressaltar que a reflexão não é destacada enquanto um momento específico deste ciclo, por permear toda a construção metodológica aqui delineada, já que, esta é imprescindível para constituir um bom planejamento, implementar e monitorar as práticas e, ao encerrar o ciclo, possibilitar uma análise das fases integrantes deste processo.

A configuração do @telier (geo)tecnológico foi inspirado nas experiências formativas na condição de bolsista de iniciação a docência⁷ no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência, no âmbito do subprojeto, “Formação docente e Geografia escolar: das práticas e saberes espaciais à construção do conhecimento geográfico” (BATISTA;

⁷Particpei enquanto bolsista ID no PIBID no âmbito do subprojeto “*Formação docente e Geografia escolar: das práticas e saberes espaciais à construção do conhecimento geográfico*” no período de março de 2014 a março de 2018, sob a coordenação da Profa. Dra. Jussara Fraga Portugal e a supervisão da Profa. Ms. Maristela Rocha Lima, iniciando minha trajetória no segundo semestre da graduação, na Escola Leandro Gonçalves da Silva, povoado de Amorosa, município de Conceição do Coité. As experiências construídas neste período através do planejamento de práticas pedagógicas tendo como aporte teórico metodológico as diversas linguagens se concretizaram enquanto vivências para além do ambiente acadêmico, me possibilitando um crescimento pessoal e, maior autonomia para o desenvolvimento da referida pesquisa.



OLIVEIRA; PORTUGAL, 2013). A partir da ação denominada Atelier Geográfico Temático⁸, que se constituiu enquanto espaço formativo de planejamento e execução de práticas pedagógicas no ensino de Geografia.

O @telier se constituiu enquanto espaço de (form)ação no qual a pesquisa se efetivou. O intuito desta ação foi delinear um conjunto de vivências, práticas e experiências que pudessem contemplar os símbolos e significados que constituem as redes sociais atualmente utilizadas no ciberespaço, *Instagram* e o aplicativo *WhatsApp*, e o modo como estas podem ser apropriadas enquanto artefatos didático-pedagógicos para ensinar e aprender Geografia na escola.

A rede social *Instagram* e o aplicativo *WhatsApp* na sala de aula: potencialidades

A escola constitui seu papel a partir da tríade: social, política e pedagógica. A primeira enfatiza a relevância da educação na construção de um sujeito partícipe e conhecedor da sociedade em que atua; a dimensão política corresponde à ação-reflexão do estudante em seu espaço de vivência e; por fim, a pedagógica que, também envolve os aspectos culturais, ressalta a produção do conhecimento e, como este, constitui o sujeito em formação (REGO, 2003).

Portanto, as instituições de ensino precisam ter um olhar criterioso sobre as tecnologias, sem enveredar pelo determinismo de que os alunos já sabem utilizar, destacando apenas uma perspectiva tecnicista destes artefatos. Na verdade, “[...] a tecnologia é a sociedade, e a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas” (CASTELLS, 1999, p. 43). Assim, a escola não pode desconsiderar um pensar pedagógico sobre estes artefatos no contexto da sala de aula, a fim de potencializar e direcionar seus usos através de cada realidade e das especificidades dos estudantes.

⁸ O *Atelier Geográfico Temático* caracterizou-se como um espaço que permitia os bolsistas de ID e de Supervisão, a reflexão sobre o ensino de conceitos, temas, fenômenos, fatos e processos geográficos, no âmbito da Geografia Escolar. Esta ação também contemplava o planejamento de sequências didáticas, tendo em vista a realização de práticas de ensino atreladas ao uso das diversas linguagens – música, literatura, charge, desenho, cartografia, gráficos, cinema, histórias em quadrinhos, tiras, reproduções imagéticas de pintura, escultura, dentre outras – como estratégias metodológicas e artefatos didáticos na abordagem dos conteúdos do currículo escolar, numa dimensão de problematização, de interdisciplinaridade, de transdisciplinaridade e de contextualização, potencializando as aprendizagens da docência, ao colocar os professores em formação inicial no seu futuro espaço de atuação profissional.

Diante destes pressupostos, corroboramos enquanto percepção que norteia um dos conceitos elencados nesta pesquisa a proposição de Santos (2008) ao elencar a existência de três mundos, a saber: a globalização como fábula, a globalização perversa e uma outra globalização.

Assim, a globalização como nos fazem acreditar, isto é, enquanto fábula, perpassa por um discurso ideológico, alimentando características que possibilitam a manutenção do sistema, tais como: a compressão espaço-tempo através da ideia de uma aldeia global e do encurtamento das distâncias, apresentando uma suposta homogeneidade, quando o que acontece é uma heterogeneidade e uma resistência do lugar, em contextos de Estado mínimo e práticas neoliberais.

A globalização tal como ela é, perversa, ou como se apresenta para a maioria das pessoas, é caracterizada por uma dupla tirania: a do dinheiro e da informação, expressa através das altas taxas de desemprego, baixos salários, qualidade de vida pouco acessível, epidemias de doenças, educação que, distancia-se, sobremaneira, de uma universalização.

Por fim, temos uma outra globalização, sendo a que pode ser construída a partir da apropriação das bases técnicas deste processo, sobre as quais pode-se destacar a unicidade da técnica, a convergência dos momentos e o conhecimento do planeta através de objetivos que atendam a outros fundamentos sociopolíticos. Além do mais, há que se considerar, o empoderamento das massas na utilização dessas técnicas para a produção cultural.

Corroborando com a perspectiva de uma resistência do lugar em tempos de globalização, faz-se necessário pensar esta categoria à luz das proposições de Carlos (2007, p. 17) ao evidenciar que o lugar é “[...] a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela *tríade habitante-identidade-lugar*”. É nele que a vida se manifesta e o sujeito se apropria do espaço, (trans)formando-o em suas mais distintas dimensões. Portanto, esta categoria que expressa a Geografia cotidiana revela seu potencial por aproximar-se das vivências de alunos e professores; demonstrando o quanto as discussões geográficas permeiam o itinerário de cada sujeito. (MEIRELES, 2016)

Pensar nas TIC no âmbito educacional é reconhecer que a aprendizagem é constituída através de um par dialético – professor e aluno – que coadunam na busca pela construção do



conhecimento a partir de um processo de intervenção, compreendendo que o aluno, em algumas situações possui o manuseio da técnica, mas não a concebe enquanto potencial, ressaltando a necessidade de uma mediação, entendendo que “mediar não significa tão somente, efetuar uma passagem, mas intervir no outro polo, transformando-o”(D’ÁVILA, 2008, p. 24), podendo ser uma intervenção educativa, social, política, já que a escola possui inúmeras dimensões de aprendizagem.

A terceira fase do @telier (geo)tecnológico explorou o potencial das redes sociais, *Instagram e WhatsApp*, a partir de seus símbolos e significados, tendo como pressuposto não somente uma linguagem virtual, mas também imagética. A primeira etapa foi intitulada A ação da/na pesquisa, tendo como atividade inicial O emergir do lugar: as nuances da globalização no cotidiano, na qual foi utilizado enquanto artefato didático-pedagógico, o *Instagram*.

A proposta foi que os alunos fizessem registros fotográficos de seus espaços de vivência, com seus celulares ou dos pais, fazendo trocas dessas imagens por meio desta mesma rede social. As fotografias seriam postadas através dos *Stories* e representadas por um *emoji*, auxiliado por uma enquete que questionariam o nome da localidade representada. Os alunos que não possuíam *Instagram*, puderam contar com o auxílio dos colegas, constituindo uma rede de solidariedade e aprendizagens.

O debate em sala se constituiu a partir da percepção de que, embora existam falácias de uma homogeneidade dos lugares em tempos de globalização, o que se pode perceber são aspectos semelhantes e, muito mais uma emergência do lugar, em suas características culturais e identitárias, em uma perspectiva contra-hegemônica.

Portanto, é notório que, “é no diálogo maior com o mundo, com o espaço vivido do aluno, que poderemos realmente construir um conhecimento geográfico pautado na reflexão sobre a realidade” (SOUZA; SÁ, 2015, p. 243); apontando a congruência entre os fenômenos e as escalas local e global, analisando como estes se manifestam em diversos espaços. No caso da globalização, as redes sociais se configuram enquanto uma nuance desse processo, a partir do avanço das telecomunicações e, da crescente necessidade de conexão. Diante desse pressuposto, buscamos problematizar, juntamente com os alunos, a relevância do uso das redes sociais enquanto espaço não somente de interação e comunicação, mas também de aprendizagem.

A atividade subsequente consistiu na construção de painéis, tendo sido denominados As

(trans)nacionais: visões e compreensões do fenômeno da globalização, cujas temáticas estiveram associadas às sedes das empresas transnacionais e, as sedes de produção das indústrias brasileiras. O objetivo foi analisar como a produção em rede das transnacionais se constitui e, o modo como esse capital se mundializa nas novas facetas do sistema capitalista. Além disso, foram explorados os símbolos, enquanto potencial que evidencia a marca de cada empresa e acentua o marketing utilizado.

Sobre a construção dos painéis, a aluna Géssica⁹ disse ter sido a atividade que mais gostou “*porque os grupos descobriram como e onde são produzidos os mais diversos produtos*”. O potencial dessa atividade consistiu na produção de conhecimento e de “conceitos que ultrapassam as definições prontas, decoradas” (KAERCHER, 2007, p. 78), já que, os alunos foram se apropriando dos símbolos, utilizando os próprios celulares, no caso das empresas transnacionais, para pesquisar a sede, e fomentando uma análise do contexto que ensejou a expansão dessas indústrias em escala global.

A última atividade proposta no transcurso do @atelier (geo)tecnológico foi intitulada Trilha geográfica, a qual possibilitou a revisão dos conhecimentos e conceitos abordados nas práticas realizadas, já que os *emojis* que compõem a leitura imagética do aplicativo *WhatsApp*, dotados de significados remetem ao avanço das telecomunicações e a expansão da necessidade de comunicação em rede, contemplando o conteúdo sobre globalização; além do mais, as redes sociais se efetivam enquanto materialização das relações mundiais no lugar. Sobre as contribuições desta atividade a aluna Raiane narrou ter sido “*importante, pois foi mais fácil de aprender*”, tendo em vista, a utilização das TIC no ensino de Geografia.

Portanto, é necessário reiterar que

para que esta situação se concretize, será necessário que o professor seja mediador do processo, conheça o funcionamento dos aplicativos, neste caso o *WhatsApp* e, aceite o desafio de “mergulhar” no mundo das tecnologias e adaptá-las à sala de aula, com intenções didático-pedagógicas bem definidas (RIBEIRO, PORTUGAL, SILVA, 2018, p. 214)

Tantos os aplicativos de celular quanto às redes sociais possuem um potencial a ser explorado no contexto da sala de aula, que precisa desprender do determinismo de que os alunos

⁹ Foram utilizados nomes fictícios para respeitar o sigilo da identidade dos alunos.



já conhecem os meios técnicos e seus usos e possibilidades. Logo, faz-se ainda mais necessária a mediação do professor em contextos de aprendizagem no ciberespaço, no intuito de permitir maior autonomia e empoderamento dos alunos.

Concluindo download: arquivo instalado

É intrínseco ao ser humano constituir relações em rede e, com o avanço das técnicas e da tecnologia, esta necessidade torna-se cada vez mais evidente. Assim, os mercados mundiais, as grandes transnacionais, as decisões políticas estão articulados e conectados em redes, cujos nós constituem dimensões de poder atreladas a estas (TOMAÉL; ALCARÁ, DI CHIARA, 2005). Portanto, as redes sociais urgem neste contexto de busca por maiores conexões a nível mundial e, com a grande quantidade de informações compartilhadas, carece de uma mediação pedagógica que os apropriem enquanto estes artefatos tecnológicos e dispositivos didático-pedagógicos que potencializariam a abordagem de conceitos e temas da Geografia, implicando na construção de conhecimentos na escola.

É notório que pensar as redes sociais enquanto artefatos para além da veiculação de informações, interatividade e comunicação é desafiador, no entanto, a prática do professor é por si só desafiadora, ao nos retirar constantemente da nossa zona de conforto, diante das constantes transformações sociais.

Neste sentido, reiteramos o quanto

[...] as novas tecnologias da informação e da comunicação interferem na organização do trabalho e das ideias, e justamente por isso é preciso aprender a utilizá-las como ferramenta auxiliar na tomada de decisões para não nos tornarmos usuários acríticos (PUERTA; NISHIDA, 2007, p. 124-125).

É pertinente pensar nas tecnologias enquanto artefatos didático-pedagógicos na sala de aula de Geografia por reconhecer a escola enquanto célula nas transformações ocorridas nas últimas décadas, possibilitando que as TIC sejam muito mais do que máquinas distribuídas nas unidades de ensino, mas se concretizem enquanto dispositivos na realização de práticas pedagógicas que visem uma ação que auxiliem na construção de uma aprendizagem para a vida (SOUZA; SÁ, 2015).

Além do mais, as práticas propostas no transcurso do @telier (geo)tecnológico se

configuraram enquanto uma possibilidade de construir uma outra globalização, visto que, os alunos demonstravam empatia e solidariedade em auxiliar os colegas com necessidades especiais no desenvolvimento das atividades. Isto contrapõe, esperançosamente, as evidências de uma sociedade que no contexto de globalização é pautada pela falta de solidariedade, distanciamentos e inúmeros outros valores como aponta Santos (2008).

Assim, é necessário romper com a dicotomia existente entre as Tecnologias da Informação e Comunicação e o processo de ensino-aprendizagem, intencionando, desse modo, dinamizar o ensino, potencializar as aprendizagens e permitir que o aluno conceba os aparatos tecnológicos para além da diversão, reprodução e disseminação de notícias/informações, opiniões/ideias, valores/costumes e mensagens diversas.

Referências bibliográficas

AQUINO JÚNIOR, José. O aluno, o professor e a escola. In: PASSINI, Elza Yasuko et al. (Orgs.). **Prática de ensino de Geografia e Estágio Supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 78-85.

BATISTA, Marize Damiana Moura Batista e; OLIVEIRA, Simone Santos de; PORTUGAL, Jussara Fraga. **Formação docente e Geografia escolar: das práticas e saberes espaciais à construção do conhecimento geográfico**. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência. Edital CAPES 061/2013. Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, *Campus XI*, Serrinha-BA, 2013, 23 p. (Digitalizado).

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007, 85p. Versão digital.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: a era da informação, economia, sociedade e cultura**. Volume I. 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

D'ÁVILA, Cristina Maria. **Decifra-me ou te devorarei: o que pode o professor frente ao livro didático?** Salvador: EDUNEB; EDUFBA, 2008.

KAERCHER, Nestor André. Ler e escrever a Geografia para dizer a sua palavra e construir o seu espaço. In: NEVES, Iara Conceição Bitencourt et al. [Org.]. **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. 8 ed. Porto Alegre: UFRGS, 2007. p. 75-87.

LEMOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2004.



LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999. Disponível em: <http://www.giulianobici.com/site/fundamentos_da_musica_files/cibercultura.pdf>. Acesso em: 19 mar 2019.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU: 1986.

MEIRELES, Mariana Martins. Por uma Geografia da vida: o conceito de lugar e o ensino de Geografia em contextos rurais. In: PORTUGAL, Jussara Fraga; OLIVEIRA, Simone Santos de; MEIRELES, Mariana Martins; SOUZA, Hanilton Ribeiro de. (Orgs.). **Geografia na sala de aula: linguagens, conceitos e temas**. Curitiba: CRV, 2016. p. 285-300.

PUERTA, Lorena Lucas; NISHIDA, Paulo Roberto. Multimídia na escola: formando o cidadão numa “cibersociedade”. In: PASSINI, Elza Yasukoet al. [Org.]. **Prática de ensino de Geografia e Estágio Supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 124-131.

REGO, Teresa Cristina. **Memórias de escola: cultura escolar e constituição de singularidades**. Petrópolis: Vozes, 2003.

RIBEIRO, José Marcos Silva; PORTUGAL, Jussara Fraga; SILVA, Manuela Evangelista da. O WhatsApp na sala de aula: linguagem imagética, tecnologias digitais e ensino de Geografia. In: PORTUGAL, Jussara Fraga. (Org.). **Educação Geográfica: diversas linguagens**. Salvador: EDUFBA, 2018, v. , p. 211-230.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 15 ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SOUZA, Hanilton Ribeiro de; SÁ, Rita de Cássia Barreto. Curtir, comentar e compartilhar – a *fanpage*: cotidiano, narrativas e memórias da cidade e do urbano nas aulas de Geografia. In: PORTUGAL, Jussara Fraga; CHAIGAR, Vânia Alves Martins. (Orgs.). **Ensino e pesquisa em educação geográfica: memórias, histórias de vida e narrativas docentes**. Salvador: EDUFBA, 2015. p. 237-263.

TOMAÉL, Maria Inês; ALCARÁ, Adriana Rosecler; DI CHIARA, Ivone Guerreiro. **Das redes sociais à inovação**. Ciência da informação, Brasília, v.34, n.2, p.93-104, 2005.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, set./dez. 2005. p. 443-466.